

***Resistindo à melancolia de esquerda, de Wendy Brown: notas e comentários à tradução para o português***

*Resisting Left Melancholia*, by Wendy Brown: notes and commentary on the Portuguese translation

FELIPE CITTOLIN ABAL<sup>1</sup>  
Universidade de Passo Fundo

GABRIEL ANTINOLFI DIVAN<sup>2</sup>  
Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** o presente artigo comporta, em sua primeira seção, a tradução integral para a língua portuguesa do texto *Resisting Left Melancholia*, da pesquisadora estadunidense Wendy Brown, bem como notas explicativas por parte dos tradutores para contextualizar alguns fatores da publicação. Em sua segunda seção, são aduzidos comentários por parte dos tradutores, promovendo um diálogo entre a obra e posicionamentos distintos que lhe dão complemento ou sustentam, com ela, linhas dialogais. A conclusão é a de que as hipóteses do texto original seguem relevantes para uma avaliação do cenário político progressista colonizado por fatores opostos e paralisantes, como os derivados da neoliberalização econômico-política, a partir dos anos 1970, e da hegemonia do paradigma capitalista desde esse prisma.

**Palavras-Chave:** Filosofia Política; Psicanálise; Resistindo à Melancolia de Esquerda; Wendy Brown

**Abstract:** This article, in its first section, presents the complete portuguese translation of the text *Resisting Left Melancholia*, by the american theorist Wendy Brown, as well as explanatory notes by the translators to contextualize some aspects of the publication. In its second section, comments by the translators are presented, fostering a dialogue between the work and distinct positions that complement it or support it through dialogical lines of thought. The conclusion is that the hypotheses of the original text remain relevant for an assessment of the progressive political landscape colonized by opposing and paralyzing factors, such as those derived from economic and political neoliberalization since the 1970s, and the hegemony of the capitalist paradigm from that perspective.

**Keywords:** Political Philosophy; Psychoanalysis, *Resisting Left Melancholia*; Wendy Brown

---

<sup>1</sup> Doutor em História (Universidade de Passo Fundo-RS). Docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da Universidade de Passo Fundo-RS. Coordenador do Projeto de Pesquisa Tecnologias Emergentes, Jurisdição e Inclusão Social: Desafios e Oportunidades ao acesso à justiça e às garantias sociais (PPGD-UPF/RS). Email: [felipe.c.abal@hotmail.com](mailto:felipe.c.abal@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Criminais (PUCRS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da Universidade de Passo Fundo-RS. Coordenador do Projeto de Pesquisa Poder, Direito e Igualdade (PPGD-UPF/RS). Email: [gabrieldivan@upf.br](mailto:gabrieldivan@upf.br)

## INTRODUÇÃO

A efervescência de discussões acadêmicas no campo teórico-político dos últimos anos parece ser uma previsível e urgente tentativa de resposta a um mundo e uma série de conjunturas marcadas por ineditismos causadores de assombro, tanto quanto por antigos cenários que se descortinam em reprises constantes. Algumas vezes como tragédias, outras enquanto farsas, como já se dissera certa feita. Marcantes, em nossos tempos de hiper fluxo de tráfego de informação, são também as manifestações e desdobramentos que pulverizam os debates atinentes e criam miríades incontáveis: a fragmentação exagerada, acelerada e ininterrupta de possibilidades de oferta de teses e pontos de vista (símbolo de um mundo conectado no imediatismo das redes e no paradigma do *scroll infinito*), tornou indistintas a olho nu análises, opiniões e crenças pessoais, militância e a mera vontade de participação em uma esfera pública que parece ter mais de cacofonia (por vezes), ou de ‘ruído branco’ (em outras), do que da *ágora* democrática almejada.

É bastante difícil constituir nos dias de hoje um campo de discurso - e uma gramática própria de leitura - dotados de acurácia e pertinência, mormente ante a efemeridade frenética que se apresenta no âmago dos temas que envolvem a política, a democracia e, mais especificamente, as formas contemporâneas (e sempre renovadas) da captura capitalista das energias vitais. Nessa linha, inegável o destaque que a pesquisadora estadunidense Wendy Brown mantém ao longo de sua trajetória, contribuindo com algumas das mais agudas perguntas (e algumas das mais incisivas respostas) no que diz para com a estrutura política, social, jurídica - e mesmo psíquico-afetiva - onde estamos todos lançados. A afirmação de sua plataforma temática (e os eixos de análise que lhe são característicos), tornam suas ideias reconhecíveis e solidificam-na como uma pensadora de primeira grandeza em uma discussão arrojada da crítica política e, especialmente nos últimos anos, das formas sociais reconfiguradas pela racionalidade neoliberal. Dialogando com cânones da tradição crítica ocidental (em uma linha profícua que muitas vezes conecta Karl Marx a Michel Foucault, passando por críticas consistentes à economia-política desde uma teoria feminista), Wendy Brown institui um paradigma de discussão que há muito é, ele mesmo, fonte primária de estudos, em graus de originalidade filosófica, social, histórica e ensaística.

A denúncia do sequestro da própria condição democrática (conceitual) e da formatação neoliberal dos discursos de governança (e mesmo dos pilares léxicos de interpretação constitucional pelo *mainframe* da racionalidade neoliberal), como em *Undoing the demos*<sup>3</sup>, e/ou seu alerta preciso sobre uma espécie de normalização antidemocrática como padrão nos confins de uma governança (e uma vida, em si) cooptada por *highlights* neoliberais, tal em *In the ruins of neoliberalism*<sup>4</sup>, são exemplos de êxitos que ampliaram ainda mais a popularização de suas propostas nos anos recentes, no mundo todo. Se, hoje em dia, tornaram-se extremamente evidentes as constatações sobre como passamos a um molde de vida ‘empresarial’, com desejos hipotecados à moda *benchmark*, isso se deve em muito às teses solidificadas por Brown que, em apreciações certeiras, expôs a transformação da luta por direitos (e as bases do que seria um viver imaginado como digno) em uma tristemente orgulhosa “cidadania sacrificial”<sup>5</sup>.

Porém, há um escrito anterior da autora que não apenas tece um diagnóstico acurado sobre o cenário político, como, através de uma espécie de brado ou alerta, abre espaço para que se pense um caminho por via transversa: para combater a (suposta) onipotência de uma realidade onde o capitalismo de tons neoliberais triunfa não apenas no franco combate, mas também quando paralisa (ou neutraliza) as possibilidades de debate sobre essa própria vitória e as próprias alternativas existentes de fato, o primeiro passo é saber (e organizar) o que não pensar. Em que não acreditar. O que não sentir. O que abandonar.

*Resisting left melancholia*, publicado em 2000<sup>6</sup>, é uma importantíssima contribuição onde a autora destila sua habilidade de análise, escorada por companhias não menos poderosas, como as de Walter Benjamin e Stuart Hall. De Benjamin, Brown toma emprestado o termo (“melancolia de esquerda”) e sua constelação conceitual, e, de Hall, a dura tomada de consciência estratégica que marca um possível rumo para um mundo onde o adágio

<sup>3</sup> BROWN, Wendy. **Undoing the demos**. Neoliberalism’s stealth revolution. Zone Books: New York, 2015.

<sup>4</sup> BROWN, Wendy. **In the ruins of neoliberalism**: the rise of antidemocratic politics in the West. New York: Columbia University Press, 2019.

<sup>5</sup> BROWN, Wendy. Sacrificial Citizenship: Neoliberalism, Human Capital, and Austerity Politics. **Constellations**. An international journal of Critical and Democratic Theory. Volume 23, n.1, 2016. <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12166> - acesso em agosto/2025.

<sup>6</sup> Há, por exemplo, uma versão de 1999 em *Boundary 2*, publicação da *Duke University Press* (disponível em <https://www.jstor.org/stable/i213408>), mas, por recomendação da própria autora, a presente tradução se baseia na versão ligeiramente aperfeiçoada trazida em GILROY, P.; GROSSBERG, L.; McROBBIE, A. (Orgs.). **Without Guarantees**. In Honour of Stuart Hall. London/New York: Verso Books, 2000, p. 21-29

*thatcheriano* de que não temos alternativa à configuração capitalista-neoliberal<sup>7</sup> se pretende tal profecia que cumpre e remete a si mesma.

O texto promove pontes de diálogo e aberturas extremamente lúcidas, e pode ser tido por insuspeito convite à luta e às possíveis viradas de disputa, quando ostenta uma recusa a um pensamento político derrotado, defensivista, fraco e, dotado de um tom de eterna autocontenção. A melancolia nos amarra a um passado que amortiza as chances de pensarmos o novo, na medida em que reage ao novo e às alternativas correlatas com uma fúria típica e (não por acaso), reacionária.

A fixação em análises e objetos do passado que Brown identifica na melancolia de esquerda encontra uma contrapartida no ‘realismo capitalista’ de Mark Fisher - a condição pela qual se tornou mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo em si<sup>8</sup>. Brown e Fisher (por ela inspirado), cada um a seu modo, realizam um diagnóstico da mesma paralisia.

De um lado, a fixação aos objetos perdidos do passado, de outro a forclusão do futuro e o bloqueio da imaginação quanto a alternativas: Fisher aponta como o neoliberalismo triunfa ao colonizar o próprio inconsciente, transformando este modelo no único horizonte possível. Brown, em seus trabalhos posteriores, reafirma que essa captura se dá na subjetividade. Assim, a melancolia de esquerda seria uma formação reativa: diante do cancelamento do futuro, a esquerda regride a uma posição melancólica de apego aos objetos perdidos como defesa da angústia de ter que criar novas articulações, ou seja, a angústia do ato político que Brown convoca.

Grande e fundamental parte do triunfo neoliberal reside na resignação limítrofe das próprias potencialidades incubadas de um discurso progressista (de esquerda) que adota sem restrições a descrição da conjuntura desde um padrão capitalista e a sustenta, inquestionada, por vezes, ou mesmo assentida enquanto neutra, por outras. Um discurso que coíbe seu próprio avanço em prol de apontar culpas de modo espiralado, rumo ao passado ou ao descenso.

Na incisiva leitura de Fisher sobre o texto da autora:

(...) Brown ataca “uma esquerda que opera sem uma crítica profunda e radical do *status quo* e sem uma alternativa convincente para a ordem existente das coisas. Mas, talvez, ainda mais preocupante, seja uma esquerda que se tornou mais apegada à sua impossibilidade do que ao

<sup>7</sup> Cf. FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

<sup>8</sup> FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020, p. 10.

seu potencial frutífero, uma esquerda que está mais em casa, vivendo não em esperança, mas em sua própria marginalidade e fracasso, presa a uma estrutura de apego a um passado morto, cujo espírito é fantasmático, cuja estrutura do desejo está olhando para trás e se punindo (...) Para Brown, o melancólico de esquerda é um depressivo que acredita ser realista<sup>9</sup>.

Combater a ausência ou o esvaziamento interno quanto a qualquer possibilidade imaginativa ou conjuntural de propostas para mudanças, ainda que tomadas em sentido amplo e hipotético, é o receituário de Brown para que se comece a combater a racionalidade neoliberal no núcleo daquilo que ela opera com maior êxito: a transformação da subjetividade no estágio atual do desenvolvimento capitalista. É ela que primeiramente – ou precipuamente – precisa ser recuperada (mais do que meramente, a essa altura, defendida de um saque que já ocorreu).

Por isso, *Resisting left melancholia* é um texto tão impressionante, e de uma utilidade política e reflexiva tremenda. É Wendy Brown acertando precisamente com, ainda, uma atualidade digna de nota em seus pontos-chave, para um escrito que já conta com mais de vinte e cinco anos de sua publicação.

A tradução em português (primeira a ser publicada no Brasil), aqui oferecida, foi autorizada e encorajada gentilmente por *e-mail* após um contato com a professora Brown, que deu o aval em uma resposta tão amável quanto expedita. A ela, pela confiança, um necessário agradecimento incidental em meio a essa introdução.

A presente publicação, pois, conta com dois momentos: no primeiro deles (I), o texto *Resisting left melancholia* em sua tradução livre para a língua portuguesa diretamente do original (em inglês); no segundo (II), um pequeno apanhado de comentários realizado pelos autores/tradutores aduzindo teses e premissas que dialogam e certamente complementam a discussão promovida no artigo, trazendo algum tom de incremento que visa dialogar com o *core* textual.

Importante destacar que em meio à tradução, (em I) haverá a separação entre as notas aduzidas pela própria autora – inclusas normalmente no rodapé respeitando a estrutura do trabalho – bem como algumas anotações e pequenas glosas ou informações, indicadas sempre como “Nota dos Tradutores”, para que a leitura não tenha perturbação quanto ao que é parte, ou não, do texto original. Importante também frisar que, para melhor aproveitamento da

---

<sup>9</sup> FISHER, Mark. **Fantasma da minha vida**: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2022, p. 43.

tradução frente ao público de língua portuguesa – em especial o brasileiro, os livros citados e utilizados pela autora no original foram adaptados às edições publicadas no Brasil (sendo que as referências de páginas citadas pela autora, e seus usos de trechos das obras foram, aqui, igualmente adaptados àquelas das edições brasileiras correspondentes ao trecho referido – como, por exemplo, na citação literal da obra de Freud – vide nota n. 14 e correlatas, ou mesmo na nota de n. 10, na epígrafe textual utilizada).

Da mesma forma, a tradução abrange a escrita da autora, vertida para o português – como no caso da nota n. 13, onde ela faz um pequeno comentário antes da referência à obra mencionada, de Walter Benjamin, ou, ainda, no caso das referências à obra por ela utilizada de Stuart Hall, que não possui edição equivalente em nosso idioma, havendo a tradução da citação literal feita por ela no corpo do texto – vide notas n. 22, 25 e 27.

Igualmente, as referências foram separadas em duas partes ao final, sendo indicadas, em uma, as consultadas pela autora no texto original, e, em outra, as demais aqui citadas pelos tradutores para os comentários realizados.

Passa-se agora, pois, ao texto, e seu rico manancial, que apresentamos com bastante orgulho, para leituras iniciais ou releituras sempre pródigas de novas aberturas.

## I. *RESISTINDO A MELANCOLIA DE ESQUERDA, DE WENDY BROWN* – TRADUÇÃO E NOTAS

Em cada época, deve-se tentar novamente liberar a tradição do conformismo, que está prestes a subjugar-la [...] Apenas tem o dom de aticar no passado aquelas centelhas de esperança o historiógrafo atravessado por esta certeza: nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer<sup>10</sup>.

Walter Benjamin

Tornou-se comum lamentar a atual condição atribulada e desorientada da esquerda. Stuart Hall está entre os poucos que tentaram diagnosticar as origens e a dinâmica dessa condição. Desde os primeiros dias da ascensão da direita de Thatcher-Reagan-Gingrich<sup>11</sup> na

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**: edição crítica. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

<sup>11</sup> Nota dos Tradutores: a autora usa aqui um trinômio para exemplificar a hegemonia política das hostes neoliberais desde os anos 1970 em diante, fugindo da usual caracterização do binômio referindo Margaret Thatcher (primeira-ministra britânica) e Ronald Reagan (presidente estadunidense). Alia seus nomes ao de Newt Gingrich, destacado parlamentar republicano-conservador nos Estados Unidos, lembrado como um dos articuladores

Europa e na América do Norte, Hall insistiu que a “crise da esquerda” no século XX não é devida nem às divisões internas na esquerda ativista ou acadêmica, nem à retórica esperta ou aos esquemas de financiamento da direita. Em vez disso, ele argumentou, essa predominância é consequência do próprio fracasso da esquerda em apreender o caráter da época e em desenvolver uma crítica política e uma visão moral-política apropriada com esse caráter. Para Hall, a ascensão da direita Thatcher-Reagan foi um sintoma, e não a causa desse fracasso, assim como a atitude desdenhosa ou desconfiada da esquerda em relação à política cultural é, para Hall, um sinal não de seus princípios inflexíveis, mas de seus hábitos anacrônicos de pensamento e seus medos e ansiedades sobre revisar estes hábitos. Em suma, a desintegração e a desorganização da esquerda não devem ser atribuídas a eventos ou desenvolvimentos externos no final do século XX, mas à maneira como a esquerda se posiciona em relação a esses eventos e desenvolvimentos.

Em suas reflexões sobre duas décadas de problemas da esquerda, Hall frequentemente oscila à beira da especulação psicológica — ele fala em termos de medos, ansiedades e rigidez —, mas, apesar do uso extensivo de insights psicanalíticos em seu trabalho sobre identidade e subjetividade, aqui ele nunca se arrisca. Sem dúvida, essa hesitação diz respeito à generosidade e preocupação constantes de Hall com a formação de coalizões, sua sensibilidade aos efeitos sectários potencialmente assustadores de psicologizar aqueles com quem se discorda. Portanto, a seguir, abordarei brevemente o que nosso anjo teme abordar. Quero refletir sobre o relato de Hall a respeito das dificuldades da esquerda em termos de “melancolia da esquerda”, um termo cunhado por Walter Benjamin na década de 1930.

Benjamin não se opunha categoricamente nem *caracterologicamente*<sup>12</sup> ao valor e à valência da tristeza como tal, nem às possíveis percepções obtidas ao remoer as próprias perdas. De fato, ele tinha uma apreciação bem desenvolvida do valor produtivo da acédia, da tristeza e do luto para o trabalho político e cultural, e, em seu estudo sobre Charles Baudelaire, Benjamin tratou a melancolia em si como uma espécie de fonte criativa. Mas a *melancolia de esquerda* é

---

responsáveis pela retomada da maioria republicana nas eleições congressistas anos depois, no início da década de 1990.

<sup>12</sup> Nota dos Tradutores: optou-se por manter o termo *caracterologicamente* como tradução de *characterologically*, embora a forma não seja registrada nos principais dicionários. A escolha justifica-se por duas razões: em primeiro lugar, trata-se de uma derivação morfológicamente regular do adjetivo *caracterológico*, de uso consolidado nas ciências humanas; em segundo, o termo preserva a distinção conceitual proposta no original entre uma oposição de princípio (*categorically*) e uma oposição ligada à disposição ou estrutura de caráter (*characterologically*).

o epíteto inequívoco de Benjamin para o revolucionário medíocre que, no fim das contas, está mais apegado a uma determinada análise política ou ideal – mesmo ao fracasso desse ideal – do que a aproveitar as possibilidades de mudança radical no presente. Na insistência enigmática de Benjamin no valor político de uma compreensão histórica dialética do “tempo do Agora”, a melancolia de esquerda representa não apenas uma recusa em aceitar o caráter particular do presente, ou seja, uma incapacidade de compreender a história em termos que não sejam “tempo vazio” ou “progresso”. Significa, também, um certo narcisismo em relação aos próprios vínculos políticos e identidade passados, que excedem qualquer investimento contemporâneo em mobilização política, aliança ou transformação<sup>13</sup>.

A ironia da melancolia, claro, é que o apego ao objeto da perda dolorosa supera qualquer desejo de se recuperar dessa perda, de viver livre dela no presente, de se livrar desse fardo. É isso que torna a melancolia uma condição persistente, um estado, na verdade, uma estrutura de desejo, em vez de uma resposta transitória à morte ou à perda. Em sua reflexão sobre a melancolia, em 1917, Freud nos lembra de uma segunda característica singular da melancolia: ela implica uma “perda de natureza mais ideal [do que o luto]. O objeto não morreu verdadeiramente, foi perdido como objeto amoroso”<sup>14</sup>. Além disso, Freud sugere que o sujeito melancólico muitas vezes não sabe exatamente o que amava e perdeu no objeto – “isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda”<sup>15</sup>. A perda que precipita a melancolia é, na maioria das vezes, não declarada e indizível. Por fim, Freud sugere que o sujeito melancólico – com baixa autoestima, desesperado e até mesmo suicida – sofre desta maneira porque ele transferiu para si mesmo a reprovação do objeto outrora amado. A reprovação do objeto amado refere-se à sua falha em corresponder à idealização do amado, e o deslocamento desta reprovação resulta na miséria do melancólico. Em outras palavras, o amor ou a idealização do objeto é preservada, mesmo enquanto a perda do amor ocasionada pela

<sup>13</sup> Para a formulação fascinante de Benjamin do “Então” e do “Agora” como termos políticos inacessíveis pelo “Passado” e pelo “Presente”, consulte suas notas sobre o método para Passagens, publicado como “N - Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso”], em BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

idealização partida é convertida no terrível sofrimento do melancólico, um sofrimento resultante da retirada do amor, mas uma retirada agora voltada contra si, ao invés do outro.

Agora, porque Benjamin utilizaria este termo e a economia emocional que ele representa, para falar sobre uma formação particular na e da Esquerda? Benjamin nunca oferece uma formulação precisa de *melancolia de esquerda*. Em vez disso, ele o utiliza como um termo de opróbrio para aqueles que estão mais ligados a certos sentimentos e objetos de longa data do que às possibilidades de transformação política no presente. Benjamin está particularmente atento ao investimento melancólico nas “coisas”. Em “A origem do drama trágico alemão”, ele argumenta que a “melancolia trai o mundo para servir o saber”, aqui sugestivamente que a lealdade do melancólico converte sua verdade (“cada voto de lealdade ou memória”) sobre seu amado em uma coisa, na verdade, imbui o próprio conhecimento com uma qualidade semelhante a uma coisa<sup>16</sup>. Outra versão desta formulação: “Em sua tenaz autoabsorção, a melancolia abraça objetos mortos em sua contemplação”<sup>17</sup>. De forma mais simples, a melancolia é leal “ao mundo das coisas”<sup>18</sup>, sugerindo uma certa lógica de fetichismo – com todo o conservadorismo e retirada das relações humanas que o desejo fetichista implica – contida na lógica melancólica. Em sua crítica de Erich Kästner, um poeta de esquerda da República de Weimar, na qual ele utiliza pela primeira vez a frase “melancolia de esquerda”, Benjamin sugere que mesmo os sentimentos se tornam coisas para o melancólico de esquerda que “tem tanto orgulho dos vestígios dos antigos bens espirituais quanto os burgueses têm dos seus bens materiais”<sup>19</sup>. Passamos a amar nossas paixões e razões de esquerda mais do que amamos o mundo existente, que presumivelmente buscamos alterar com esses termos, ou o futuro que estaria alinhado com eles. A melancolia de esquerda, em resumo, é o nome que Benjamin dá para um apego pesaroso, conservador e retrógrado a um sentimento, análise ou relacionamento que se tornou algo reificado e congelado no coração do suposto esquerdista. Se Freud for útil aqui, então essa condição provavelmente decorre de alguma perda inexplicável,

---

<sup>16</sup> BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2. ed. Edição e Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 164.

<sup>17</sup> BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2. ed. Edição e Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 164.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2. ed. Edição e Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. P. 165

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. **Melancolia de esquerda e outros escritos**. São Paulo: LavraPalavra, 2024, p. 36-37

algum ideal inconfessavelmente esmagado, atualmente representado pelos termos *esquerda*, *socialismo*, *Marx* ou *movimento*.

Certamente, essas perdas, justificáveis ou injustificáveis, da esquerda são muitas em nossa época. A literal desintegração dos regimes socialistas e a legitimidade do marxismo podem muito bem ser o menor dos problemas. Estamos inundados pela perda de uma análise e de um movimento unificado, pela perda do trabalho e da classe como predicados invioláveis da análise política e da mobilização, pela perda de um movimento inexorável e científico progressivo da história e pela perda de uma alternativa viável à economia política do capitalismo. E por trás dessas perdas há ainda outras: não temos um senso de comunidade internacional, e, muitas vezes, nem mesmo local, de esquerda; não temos convicção sobre a verdade da ordem social; não temos visão moral-política rica para guiar e sustentar o trabalho político. Assim, sofreremos com a sensação não apenas de um movimento perdido, mas de um momento histórico perdido; não apenas de uma coerência teórica e empírica perdida, mas de um modo de vida perdido e de um rumo de buscas perdido.

Isso muitos na esquerda podem admitir abertamente, mesmo que não saibamos o que fazer a respeito. Mas, no vazio de todas essas perdas, talvez no lugar do nosso inconsciente político, há também uma perda não declarada: a promessa de que a análise e o compromisso da esquerda proporcionariam aos seus adeptos um caminho claro e certo em direção ao bem, ao correto e ao verdadeiro? Não é essa promessa que constituiu a base para muito do nosso prazer em estar na esquerda, na verdade, para o nosso amor-próprio como esquerdistas e do nosso sentimento de camaradagem em relação a outros esquerdistas? E se esse amor não pode ser abandonado sem exigir uma transformação radical na própria base do nosso amor, na nossa própria capacidade de amor ou apego político, não estamos condenados à melancolia de esquerda, uma melancolia que certamente terá efeitos não apenas tristes, mas autodestrutivos? Novamente Freud:

Se o amor ao objeto — a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo — refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

Agora nosso desafio seria descobrir quem ou o quê é esse objeto substitutivo. O que odiamos para preservar a idealização daquela promessa romântica da esquerda? O que punimos para salvar as antigas garantias da esquerda de nossa ira e decepção?

Duas respostas familiares emergem das recentes discussões e críticas da esquerda. A primeira é um conjunto de formações sociais e políticas conhecidas de várias maneiras como política cultural ou política de identidade. Aqui, a acusação convencional de uma parte da esquerda é que os movimentos políticos enraizados na identidade cultural — racial, sexual, étnica ou de gênero — não apenas elidem a estrutura fundamental da modernidade, do capitalismo e de sua formação fundamental, a classe, mas também fragmentam as energias e os interesses políticos da esquerda, de tal forma que a formação de coalizões se torna impossível. O segundo culpado também tem vários nomes: pós-estruturalismo, análise do discurso, pós-modernismo, teoria literária da moda apresentada como análise política. As acusações de homicídio aqui também são familiares: as teorias pós-fundacionais do sujeito, da verdade e dos processos sociais minam a possibilidade de uma descrição teoricamente coerente e factualmente verdadeira do mundo, além de desafiarem os fundamentos supostamente objetivos das normas de esquerda. Juntos ou separados, esses dois fenômenos são responsabilizados pelo caráter fraco, fragmentado e desorientado da esquerda contemporânea. Isso já é notícia velha. Mas, se lida através do prisma da melancolia da esquerda, a questão do deslocamento em ambos os conjuntos de acusações pode parecer mais gritante, já que seríamos forçados a perguntar: quais aspectos da análise ou ortodoxia da esquerda murcharam na videira para seus adeptos, mas são protegidos desse reconhecimento pela atenção desdenhosa dedicada à política de identidade e ao pós-estruturalismo? De fato, que identificação narcisista com essa ortodoxia é preservada no lamento pela perda de sua influência sobre os jovens esquerdistas e pela perda de sua potência no campo político? Que amor pelas promessas e garantias que uma análise de esquerda outrora defendia é preservado, quando a responsabilidade pela condição precária dessas promessas e garantias é distribuída a outros menos favorecidos? E será que aqui também vemos uma certa materialidade da esquerda tomar forma, sua reificação como algo que “é”, a memória fantástica de que ela outrora “foi”, no exato momento em que tão claramente não é/não existe?

Apesar de toda a sua generosidade política e intelectual, é com aqueles a quem chamo de melancólicos de esquerda que Stuart Hall tem menos paciência. Se Hall entende nosso

fracasso como esquerda no último quarto de século como uma falha da esquerda em compreender este momento, essa é uma falha que só é reiterada e não corrigida por nossas reclamações contra aqueles que estão tendo sucesso (centristas liberais, neoconservadores, a direita) ou por nossas reclamações uns contra os outros (antirracistas, feministas, ativistas *queer*, pós-modernistas, marxistas irreduzíveis). No entendimento de Hall<sup>21</sup>, esse fracasso não é simplesmente a consequência da adesão a uma ortodoxia analítica particular – o determinismo do capital, a primazia da classe – apesar de ser certamente isso. Em vez disso, esse fracasso resulta também de uma camisa de força intelectual específica – uma insistência no materialismo que nega a importância do sujeito e do subjetivo, a questão do estilo e a problemática da linguagem. E é a combinação desses dois fatores que é fatal. “Nosso sectarismo”, argumenta Hall na conclusão de *The Hard Road to Renewal*, não só surge de uma postura defensiva em relação às agendas fixadas por formações político-econômicas agora anacrônicas (as da década de 1930 e de 1945), mas “também se deve a uma certa noção de política, vista não tanto como uma teoria, mas mais como um hábito mental”.

Continuamos a pensar numa lógica política unilinear e irreversível, impulsionada por alguma entidade abstrata a que chamamos ‘a economia’ ou ‘o capital’, desenvolvendo-se até ao seu fim predeterminado. Ao passo que, como o *thatcherismo* mostra claramente, a política na verdade funciona mais como a lógica da linguagem: você sempre pode colocá-la de outra maneira se se esforçar o suficiente<sup>22</sup>.

Certamente, o curso do capital molda as condições de possibilidade na política, mas a política em si “é conduzida ideologicamente ou não é conduzida”<sup>23</sup>. Ou, em outra das fórmulas concisas de Hall, “A política não reflete as maiorias, ela as constrói”<sup>24</sup>.

É importante ser claro aqui. Hall afirma não que a ideologia determina o curso da globalização, mas que a aproveita para um ou outro objetivo político e, quando é bem-sucedida, as estratégias políticas e econômicas representadas por uma ideologia particular darão origem a certas formações político-econômicas dentro dos desenvolvimentos capitalistas globais:

Agora estamos começando... a entrar em uma sociedade “pós-fordista” — o que alguns teóricos chamam de capitalismo desorganizado, a era da “especialização flexível”. Uma maneira de interpretar os desenvolvimentos atuais é que a “privatização” é a maneira do *thatcherismo* de aproveitar e se apropriar desse

<sup>21</sup> Nota dos Tradutores: a obra de Stuart Hall citada por Brown não possui tradução em português e/ou edição brasileira, e por isso a referência usada por ela fica mantida tal e qual na publicação original.

<sup>22</sup> HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal: Thatcherism and crisis on the left**. Londres, Verso: 1988, p. 273.

<sup>23</sup> HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal: Thatcherism and crisis on the left**. Londres, Verso: 1988, p. 274.

<sup>24</sup> HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal: Thatcherism and crisis on the left**. Londres, Verso: 1988, p. 266.

movimento subjacente dentro de uma estratégia econômica e política específica e construí-lo dentro dos termos de uma filosofia específica. Ele conseguiu, até certo ponto, alinhar suas “lógicas” históricas, políticas, culturais e sexuais com algumas das tendências mais poderosas da lógica contemporânea do desenvolvimento capitalista. E isso, em parte, é o que lhe dá sua confiança suprema, seu ar de complacência ideológica: o que faz com que pareça “ter a história a seu favor”, ser coincidente com o curso inevitável do futuro. A esquerda, no entanto, em vez de repensar suas estratégias econômicas, políticas e culturais à luz dessa “lógica” mais profunda e subjacente de dispersão e diversificação (que, afinal, não precisa necessariamente ser inimiga de uma maior democratização), simplesmente resiste a ela. Se o *thatcherismo* pode reivindicá-la, então não devemos ter nada a ver com ela. Existe maneira mais certa de se tornar historicamente anacrônico?<sup>25</sup>

Se a esquerda contemporânea frequentemente se apega às formações e formulações de outra época, na qual a noção de movimentos unificados, totalidades sociais e políticas baseadas em classes pareciam ser categorias viáveis de análise política e teórica, isso significa que ela literalmente se torna uma força conservadora na história — uma força que não apenas interpreta erroneamente o presente, mas instala o tradicionalismo no cerne de sua práxis, no lugar onde pertence o compromisso com o risco e a convulsão. Benjamin esboça esse fenômeno em seu ataque a Erich Kästner, o popular poeta na República de Weimar, que é tema de seu ensaio sobre a melancolia da esquerda: “Este poeta está insatisfeito, de fato com o coração pesado. Mas esse peso no coração deriva da rotina. Pois estar em uma rotina significa ter sacrificado suas idiossincrasias, ter perdido o dom do desgosto. E isso deixa a pessoa com o coração pesado”<sup>26</sup>. Em um tom diferente, Hall articula esse problema na resposta da esquerda ao *thatcherismo*:

Lembro-me do momento, nas eleições de 1979, em que o Sr. Callaghan, em seus últimos momentos na política, por assim dizer, falou com verdadeiro espanto sobre a ofensiva da Sra. Thatcher: “Ela pretende destruir a sociedade pela raiz”. Essa era uma ideia impensável no vocabulário social-democrata: um ataque radical ao status quo. A verdade é que as ideias tradicionalistas, as ideias de respeitabilidade social e moral, penetraram tão profundamente na consciência socialista que é bastante comum encontrar pessoas comprometidas com um programa político radical sustentado por sentimentos e emoções totalmente tradicionais<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal: Thatcherism and crisis on the left**. Londres, Verso: 1988, p. 276.

<sup>26</sup> BENJAMIN, Walter. **Melancolia de esquerda e outros escritos**. São Paulo: LavraPalavra, 2024, p. 35.

<sup>27</sup> HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal: Thatcherism and crisis on the left**. Londres, Verso: 1988, p. 193-194. Pode-se lembrar, em outro contexto, a resposta escandalizada de James Miller à observação de Michel Foucault de que ele “queria destruir toda a sociedade”, observação que Miller não apenas retirou do contexto da crítica de Foucault à totalização representada pela própria noção de totalidade social, mas também tratou como uma manifestação de niilismo decadente, em vez de uma declaração bastante compatível com uma tradição de esquerda radical que aspirava erradicar todas as práticas sociais existentes (ver *The Passion of Michel Foucault*. Nova York: Simon and Schuster, 1993).

O tradicionalismo não é novidade na política de esquerda, mas ele se tornou especialmente pronunciado e pernicioso em anos recentes como uma consequência 1) de sua formulação virtuosa como defesa contra as “revoluções” de Thatcher, Reagan e Gingrich (resumidas no desmantelamento do Estado de bem-estar social e na privatização de várias funções e serviços públicos); 2) do desenvolvimento das políticas culturais, especialmente a política sexual; e 3) da desintegração dos regimes socialistas e o severo descrédito dos objetivos político-econômicos da esquerda que esta desintegração ocasionou. A combinação desses três fenômenos resulta em formulações de esquerda que tendem a ter como conteúdo principal a defesa das políticas liberais do New Deal, especialmente o estado de bem-estar social, por um lado, e a defesa das liberdades civis, por outro. Em resumo, a esquerda passou a representar uma política que busca proteger um conjunto de liberdades e direitos que não confronta nem as dominações contidas em ambos nem o valor limitado dessas liberdades e direitos nas configurações contemporâneas do capitalismo. E quando esse tradicionalismo se conjuga com uma perda de fé na visão igualitária tão fundamental para o enfrentamento socialista ao modo capitalista de distribuição, e uma perda de fé na visão emancipatória fundamental para o enfrentamento socialista ao modo capitalista de produção, o problema do tradicionalismo de esquerda se torna realmente muito sério. O que surge é uma esquerda que opera sem uma crítica profunda e radical do status quo ou uma alternativa convincente à ordem existente das coisas. Mas, talvez, ainda mais preocupante seja o fato de que essa esquerda se tornou mais apegada à sua impossibilidade do que ao seu potencial frutífero, uma esquerda que se sente mais à vontade não na esperança, mas em sua própria marginalidade e fracasso, uma esquerda que está, portanto, presa em uma estrutura de apego melancólico a uma certa tendência de seu próprio passado morto, cujo espírito é fantasmagórico, cuja estrutura de desejo é retrógrada e punitiva.

O que implica se desfazer dos hábitos melancólicos e conservadores da esquerda para revigorá-la com um espírito crítico e visionário radical (do latim *radix*, que significa “raiz”) novamente? Esse seria um espírito que abraça a noção de uma transformação profunda e realmente perturbadora da sociedade, em vez de recuar diante dessa perspectiva, mesmo que devamos ser sensatos quanto ao fato de que nem a revolução total nem o progresso automático da história nos levarão a qualquer visão reformulada que possamos desenvolver. Que esperança política podemos alimentar que não se baseie falsamente na noção de que “a história está do

nosso lado” ou que existe alguma inevitabilidade no apego popular a quaisquer valores que possamos desenvolver como os de uma nova visão de esquerda? Que tipo de socialismo podemos imaginar que não seja nem estatal nem utópico, nem repressivo nem libertário, nem economicamente empobrecido nem culturalmente cinzento? Minha ênfase na lógica melancólica de certas tendências contemporâneas da esquerda não tem como objetivo recomendar a terapia como caminho para responder a essas perguntas. No entanto, sugere que os sentimentos e emoções — incluindo aqueles de tristeza, raiva e ansiedade sobre promessas quebradas e rumos perdidos — que sustentam nosso apego às análises e projetos de esquerda devem ser examinados pelo que criam em termos de aspectos potencialmente conservadores e até mesmo autodestrutivos de objetivos políticos supostamente progressistas.

## II. COMENTÁRIOS À *RESISTINDO À MELANCOLIA DE ESQUERDA*: O ‘REALISMO CAPITALISTA’ E OS FUTUROS QUE VIRÃO

Uma das razões pelas quais *Resistindo à Melancolia de Esquerda* segue sendo atual é justamente a interlocução que o texto encontra, seja na conjuntura que ele delineou com maestria (e continua pertinente), seja na inspiração que ele ocasionou para a permanente discussão do teor de ideias ali apresentado.

A referência direta feita por Fisher ao texto, em seu *Fantasma da Minha Vida*, enfatiza a defesa de que o ponto suscitado é mais do que relevante: é nevrálgico na argumentação da leitura conjuntural ousada que o autor erige. O elo promovido enfatiza que os aportes (e o diagnóstico) de Brown seguem não apenas pertinentes como carentes de resposta.

Fisher foi um dos grandes teóricos contemporâneos – e um dos mais insistentes manifestantes - a se debruçar sobre a necessidade de um desbloqueio imaginativo ante aquilo que fora cunhado na expressão “lento cancelamento do futuro”<sup>28</sup>. Seu enfoque conclama a um avanço: de uma afronta orgânica (porém, sumamente retórica) às condições daquilo que se apresenta como realidade/normalidade no seio do capitalismo em sua era neoliberal, para a ação, e/ou tomada de posição, quanto ao que, inclusive, se possa imaginar para o (ou um) futuro. E, ao contrário do que se costuma assentir à primeira vista, a carga potente típica da ação

<sup>28</sup> FISHER, Mark. **Fantasma da minha vida**: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2022, p. 19-34.

revolucionária está ao lado do poder imaginativo, e não alocada em compartimentalização antagônica, diametral a ele, engolfada por dicotomias simplistas que são parte do ardid. Na ideia de Berardi<sup>29</sup>, padecemos em uma crise em que o poder se mostra enquanto tal menos quando oprime, de forma gráfica e direta, e, mais quando reduz a esfera do real ao necessário-correspondente, quando comprime o “possível” a algo sem nenhuma implicação, e quando, assim, asfixia virtualidades e sonhos. Uma visão estagnada de (algo que é) “possível” (por ser da ordem do “pensável”), mas que se distancia (de forma imposta) tanto de concretização quanto da (mera) ideia de ser concretizado.

O sequestro neoliberal da noção de “realismo” é o âmago da problemática. Não é por outro motivo que Fisher sintetiza em seu conceito de ‘realismo capitalista’ a captura das virtualidades de imaginação do novo, do porvir, em prol de uma inércia que estabiliza a vida e só pode andar em par com a servidão (e com um poder disfarçado de trivialidade). Uma noção de ‘real’ que oferece barreiras, e sempre localiza no lugar do impróprio ou do indesejável a sede de mudanças classificada no campo de um ‘irreal’ – da utopia (no sentido febril), do sonho (no sentido daquilo que estará sempre carente de uma confluência de condições ideais para que pudesse sequer ser permitido de ser considerado).

O autor identifica uma espécie de cisma entre uma postura política, estagnada em meio a velhos *slogans* e pontos cardeais, e a urgência de um comprometimento com a liberação da maior das forças produtivas: a possibilidade imaginativa residente no desassossego. A ligação umbilical entre um (assim imaginado) pós-capitalismo, e esse futuro (ora cancelado), requer a retomada das possibilidades desejantes de novas dimensões (sociais, políticas, estéticas, afetivas<sup>30</sup>). Para isso, é preciso um movimento duplo que ativa o binômio afronta-ação por outro lado: quando o combate se dá nos termos de um “possível” que já vem prestabelecido, o potencial antagonista já está controlado, dissecado, previsto, prevenido. Inócuo. Mantido dentro de amarras úteis ou toleráveis. A tarefa é sempre estar pronto para forçar os limites do real, e permitir ao desassossego a força motriz do desejo para irromper como mudança.

Como lembrava Negri, a própria noção freneticamente cronológica que separa passado, presente e futuro os igualando em substância amorfa passeando em sequência – tal o estranho

<sup>29</sup> BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019, p. 81.

<sup>30</sup> FISHER, Mark. **Desejo Postcapitalista. Realismo Capitalista**. No hay alternativa? Trad. Claudio Iglesias. Buenos Aires: Caja Negra, 2018, p. 150-152.

trânsito de corpos celestes, em realidade, imóveis – está a serviço de uma estagnação política transcendental, quando é no materialismo (e no imanente) que se constrói, e na práxis (também imaginativa), que reside o gesto revolucionário:

O senso comum da vida confirma a definição do que vem como porvir, mais do que como futuro. De fato, é na luta pela livre apropriação do presente que a vida se abre para o porvir e que o desejo percebe – contra o tempo vazio e homogêneo que iguala tudo (inclusive e, principalmente, o futuro) – a potência criativa da práxis<sup>31</sup>.

Libertar o “possível” do ‘realismo capitalista’. Conflagrar o futuro como porvir, em construção. Tarefas.

Fisher, não à toa, percebe com clareza que a disputa reside precisamente naquilo que o capital conseguiu não apenas impor como hegemonia, mas no que ele conseguiu compelir como um grau de naturalidade que condiciona não apenas as oposições e contestações frontais que periga sofrer, mas a própria ideia daquilo que se pode contestar dentro de um panorama de viabilidade. O preenchimento realista-capitalista das frestas possíveis de imaginação do porvir soube identificar onde estava a energia primal da oposição que lhe era potencialmente mais perigosa. E agiu com destreza para procurar neutralizá-la: como salienta Gago<sup>32</sup>, a racionalidade neoliberal não opera em uma “[...] geometria de conflito” no esquema usual ou clássico dos embates ideológicos em oferta, mas perverte, ela própria, as próprias noções de racionalidade – e de conflito – gerando o efeito consubstanciado de se pensar a realidade não possivelmente contra ou a favor a ela, mas desde ela.

Não à toa, igualmente, Fisher usa *Resistindo à Melancolia de Esquerda* como quem adere à ideia de Brown para sustentar seu ideário: a plataforma (dita) progressista melancólica se restringe, se reduz, se despe de toda e qualquer potencialidade e, assim, de toda e qualquer ameaça. É o oponente ideal: joga nos termos do adversário. Tem como horizonte a reinvidicação de passados que já caducaram e de esquemas que operam em circuitos desatualizados. Visa a constrição moral de adeptos e desiste de disputar opções desejantes que miram no porvir, em prol de um enfadonho esquema de cooptação retroativa que oferece uma

<sup>31</sup> NEGRI, Antonio. **Kairós, Alma Vênus, Multidão**. Nove Lições ensinadas a mim mesmo. Trad. Orlando dos Reis e Marcello Lino. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 63.

<sup>32</sup> GAGO, Verónica. **La razón neoliberal**. Economías barrocas y pragmática popular. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015, p. 334.

espécie de sinalização de virtude saudosista, e só. Desistir do futuro e da coragem imaginativa é seu equívoco mais suicidário, e justamente aqui o texto de Wendy Brown é mais incisivo.

Nesse profícuo paralelo aqui proposto (e/ou nessa combinação que parece feliz e provida de energia), a análise de Fisher mobiliza um arsenal oriundo de Freud e Derrida que reverbera com toda certeza ecos do texto aqui traduzido. Brown, em seu texto, retorna a Benjamin, e toca no que a psicanálise identifica como a recusa melancólica em realizar o trabalho de luto. Enquanto o luto permite um desligamento gradual do objeto perdido e a consequente reinvestidura libidinal em novos objetos, a melancolia incorpora narcisicamente o objeto perdido. Assim, este melancólico de esquerda é alguém que não pode renunciar à revolução não consumada, do movimento operário clássico, da grande narrativa marxista, uma vez que eles foram internalizados como parte de sua própria narrativa política. A “depressão realista” da qual Fisher fala, portanto, é uma formação sintomática em que o sujeito obtém gozo da própria impossibilidade e se recusa a renunciar a ele arriscando a inventar novos significantes, novas articulações políticas, novos futuros.

Esse gozo (*jouissance*), segundo Zupančič<sup>33</sup>, está além do princípio do prazer e é capaz de fazer o sujeito aceitar a própria destruição. A esquerda melancólica obtém uma fruição de sua marginalidade histórica, da sua condição de guardião das verdades derrotadas. O gozo paradoxal é o que ancora o sujeito à sua própria derrota, escolhendo inconscientemente se manter fiel à perda por obter uma satisfação libidinal. Outra questão importante para complementar a estrutura melancólica é sua dimensão temporal e histórica. Kehl trata a respeito do depressivo contemporâneo, herdeiro do melancólico, caracterizado por uma experiência de temporalidade singular, diferente da aceleração neoliberal. Enquanto os remanescentes dos antigos melancólicos sofrem com o sentimento do tempo estagnado, o capitalismo tardio atua produzindo incessantemente novidade, aceleração e obsolescência programada, não somente de mercadorias, mas também de discursos e subjetividades<sup>34</sup>.

A esquerda melancólica, no registro temporal, manifesta esse descompasso, permanecendo atada a categorias, análises e afetos de uma época anterior. Isso não é apenas ortodoxia, mas impossibilidade de habitar o presente, já que, no agora, o objeto perdido (o

<sup>33</sup> ZUPANČIČ, Alenka. **Ethics of the Real: Kant and Lacan**. London: Verso, 2000.

<sup>34</sup> KEHL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

proletariado revolucionário, a inexorabilidade histórica, a grande narrativa emancipatória) não pode ser recuperado. Tal congelamento do tempo é uma garantia contra a angústia de ter que criar, aqui e sem garantias, novas possibilidades políticas. Há, portanto, uma dupla dimensão da paralisia melancólica de esquerda: uma pulsional, voltada para um gozo libidinal investido na própria impotência que se manifesta na segunda dimensão, a histórica, vista no anacronismo temporal. A satisfação pulsional encontra seu correlato no tempo estagnado. Ele não pode avançar, pois isso seria a realização de um luto e, com o trabalho de luto, viria a renúncia ao gozo melancólico. Brown antecipava essa necessidade ao fazer pensar sobre quais esperanças políticas podemos alimentar sem a falsa garantia de que “a história está do nosso lado” e ao insistir que devemos examinar os aspectos potencialmente conservadores e autodestrutivos de nossos sentimentos e emoções.

Ademais, a reflexão de Brown encosta em uma chaga nada desprezível que funciona como misto de sintoma e consequência dessa melancolia de esquerda, que, ao soar como receio amedrontado frente às contingências políticas e sociais, age para sufocá-las, sempre procurando identificar uma espécie de núcleo (mais) legítimo de lutas que precisa ser protegido de (supostas) interferências. Uma (curiosa) esquerda (dita) progressista que luta por sobrevivência como sinônimo de um esquadro fixo de opções e ditames, e termina por recair no que Butler<sup>35</sup> refere como indagação premente: o que nos dizem as vidas – e formas de viver e ser – consideradas indignas de apoio, e o que nos afirma o relegar dessas vidas, aderindo a uma noção de existência que ilusoriamente prescinde da interdependência? Como vivências e experiências – e demais corporeidades – que escapam aos padrões normativos impostos podem ser consideradas empecilhos, senão diante do almejar de uma espécie de unidade fictícia planejada? Como levar a sério uma revolução que se aceita confortável dentro de balizas e esquadros inteiramente aportados pela base opositora? Como uma defesa de liberdades e emancipações termina por se afastar de um adágio simples – que apregoa que as liberdades potencializam umas às outras – e termina por conjurar esquemas de continência/retenção que

---

<sup>35</sup> BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 228-233

remetem, ao fim, aos padrões de visualização da liberdade de estilo monadal ou proprietário, tal um direito rival?

Tristes tempos em que a defesa de emancipações multitudinais se transforma em um entrave – e em um símbolo de que o pensamento revolucionário desiste de afrontar, de ser vanguarda, como se ele próprio temesse perturbações em uma rotina de trivialidades impostas. Um potencial inteiro sempre subjogado por um realismo cooptado sempre disposto a rememorar a todo instante que não estamos no momento adequado (nunca estamos) para maiores ousadias e que porventura esse não é o modelo tático correto (nenhum parece ser) para colocar a marcha revolucionária em prática.

A dúvida de Brown, expressa em seu texto (“[...] Que esperança política podemos alimentar que não se baseie falsamente na noção de que ‘a história está do nosso lado’ ou que existe alguma inevitabilidade no apego popular a quaisquer valores que possamos desenvolver como os de uma nova visão de esquerda?”) ressoa com força quando percebemos um pensamento de esquerda que parece sempre satisfeito com bravatas heroicas como quem resolve o problema de sua crise (e suas derrotas) afirmando-as como vitórias em um confuso campo moral *a la carte*.

Para outra de suas questões, não há de fato uma cartilha específica (sobre como poderia se conformar um socialismo “[...] nem estatal nem utópico, nem repressivo nem libertário, nem economicamente empobrecido nem culturalmente cinzento”), muito embora a autora, com perspicácia, tenha deixado sinal estratégico no próprio texto, ao sugerir que “[...] sentimentos e emoções — incluindo aqueles de tristeza, raiva e ansiedade sobre promessas quebradas e rumos perdidos” precisam de análise e autocrítica no instante em que passam a gerar mais ideias e ideais autodestrutivos das bases de objetivos políticos progressistas do que efetivas contribuições para avanços nesse sentido.

Quando o motor inventivo que deveria testar o possível em busca imparável pelo porvir se assenta na condição da fiscalização burocrática da ordem do que é pensável, uma coisa ao menos é certa: a derrota. A importância fundamental do texto de Wendy Brown já se mostra aí. De onde partir. Para onde não rumar.

## REFERÊNCIAS DO TEXTO ORIGINAL

BENJAMIN, Walter. **Melancolia de esquerda e outros escritos**. São Paulo: LavraPalavra, 2024.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2. ed. Edição e Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**: edição crítica. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal**: Thatcherism and crisis on the left. Londres, Verso: 1988.

## REFERÊNCIAS USADAS NAS NOTAS E COMENTÁRIOS

BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

BROWN, Wendy. **In the ruins of neoliberalism**: the rise of antidemocratic politics in the West. New York: Columbia University Press, 2019.

BROWN, Wendy. Resisting Left Melancholia. In GILROY, P.; GROSSBERG, L.; McROBBIE, A. (Orgs.). **Without Guarantees**. In Honour of Stuart Hall. London/New York: Verso Books, 2000, p. 21-29.

BROWN, Wendy. Sacrificial Citizenship: Neoliberalism, Human Capital, and Austerity Politics. **Constellations**. An international journal of Critical and Democratic Theory. Volume 23, n.1, 2016. <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12166> - acesso em agosto/2025.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos**. Neoliberalism's stealth revolution. Zone Books: New York, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FISHER, Mark. Deseo Postcapitalista. **Realismo Capitalista**. No hay alternativa? Trad. Claudio Iglesias. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

FISHER, Mark. **Fantasma da minha vida**: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo? Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GAGO, Verónica. **La razón neoliberal**. Economías barrocas y pragmática popular. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

KEHL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

NEGRI, Antonio. **Kairós, Alma Vênus, Multidão**. Nove Lições ensinadas a mim mesmo. Trad. Orlando dos Reis e Marcello Lino. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZUPANČIČ, Alenka. **Ethics of the Real**: Kant and Lacan. London: Verso, 2000.